

# Mapeando os territórios de resistências: uma experiência através da disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar

## Mapping the territories of resistance to capital: a pedagogical experience through the subject of Ethno-knowledge and School Education

Carlos Jefferson Gomes da Silva<sup>1</sup>, Francisca Laudeci Martins Souza<sup>2</sup>

1. Mestrando em Educação  
Universidade Regional do Cariri (URCA)  
E-mail: carlos.jefferson2023@urca.br

2. Doutora em Educação (UERJ)  
Universidade Regional do Cariri – Mestrado  
Profissional em Educação (URCA)  
E-mail: Laudeci.martins@urca.br

### Artigo Original

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de uma experiência prática e pedagógica que se desenvolveu por meio de uma oficina na disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar nas comunidades do Baixio das Palmeiras, localizado na zona rural de Crato, especificamente na região do Cariri cearense. Assim, objetivamos conhecer os sujeitos por meio das memórias/histórias de vida como uma forma de poder visibilizar as potencialidades que os mesmos possuem em seus territórios de vivência. Para a realização da pesquisa recorreremos à abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa participante. Como resultado principal vimos que o etnoconhecimento apresenta forças significativas a partir das memórias dos sujeitos e dos determinados espaços geográficos que são ressignificados através de suas histórias, culturas, resistências, raízes e identidades dos micros espaços territoriais das comunidades do Baixio das Palmeiras.

**Palavras-chave:** Etnoconhecimento; Território Baixio das Palmeiras; Memórias.

**Abstract:** This paper is the result of a practical and pedagogical experience that was developed through a workshop on Ethno-Knowledge and School Education in the communities of Baixio das Palmeiras, located in the rural area of Crato, specifically in the Cariri region of Ceará. Our aim was to get to know the subjects through their memories/life stories as a way of making visible the potential they have in their territories. To carry out the research, we used a qualitative approach with an emphasis on participant research. The main result was that ethno-knowledge has significant strengths based on the subjects' memories and the specific geographical spaces that are re-signified through their histories, cultures, resistance, roots and identities in the micro-territorial spaces of the Baixio das Palmeiras communities.

**Palavras-chave:** Ethno-knowledge; Territories Baixio das Palmeiras; Memories.

## Introdução

O presente trabalho é resultado de uma experiência prática e pedagógica que se desenvolveu por meio de uma oficina na disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar nas comunidades do Baixo das Palmeiras, localizadas na zona rural do município de Crato, sul do Ceará, especificamente na região do Cariri cearense.

O recorte geográfico compreende três espaços do território do Baixo das Palmeiras quais sejam: a Casa de Quitéria, a Casa de Farinha e o Grupo de Artesanato das Fuxiqueiras do Araripe.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar os sujeitos dos espaços citados por meio das memórias e histórias de vida como uma forma de poder visibilizar as suas potencialidades de etnoconhecimento, bem como as dimensões políticas, culturais e econômicas que compõem o território. Especificamente, objetivamos conhecer espaços não formais existentes nas comunidades do Baixo das Palmeiras; dialogar com os moradores questões socioambientais, culturais, políticas e econômicas; e reconhecer, por meio das memórias, o pertencimento, as identidades, as histórias de vida dos sujeitos.

Do ponto de vista metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual, segundo Flick, (2009) se destina a centralizar o movimento investigativo no campo de atuação e interpretação dos sujeitos envolvidos, considerando assim suas formas de expressão e percepção. A pesquisa qualitativa permite reconhecer na prática as experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa e o contato direto com a fonte da pesquisa. Ou seja, observados os nossos objetivos, podemos afirmar ser esse tipo de pesquisa o que mais se adequa à nossa proposta. Isso porque “a pesquisa [qualitativa] tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém

contato direto com o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo [...]” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 70).

Ademais, no âmbito da construção da relação mais próxima com o objeto de estudo, afirmamos a pesquisa participante como estratégia de efetivação da interação entre os pesquisadores e os sujeitos investigados. A pesquisa participante “[...] caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem [...]” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 67).

Diante disso, ao mobilizar uma maior interação para com o campo, recorreremos aos princípios da pesquisa participante como forma de adequar as técnicas de intervenção e coleta de dados. Assim, a metodologia foi dividida em três etapas: a instituição de uma fundamentação teórica a partir dos autores decoloniais, a vivência no formato de oficina junto aos espaços referidos; e a escrita de um relato de experiência que originou a produção

Destacamos ainda, que durante o campo buscamos relacionar as experiências vivenciadas dos sujeitos com o texto “a colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade” do autor Aníbal Quijano (2005). Esse recorte se deu a partir da dinâmica da disciplina Etnoconhecimento e educação escolar, cuja metodologia compreendeu a instituição de temáticas, apresentação de textos como âncoras para sistematização das mesmas e imersão em espaços comunitários, cujas práticas fossem entendidas, pelo grupo discente e docente, como relacionadas a tais temáticas.

Para uma maior compreensão da amplitude da disciplina, apresentamos a lista das temáticas de todas as oficinas, quais sejam:

modernidade e colonialidade; a colonialidade do saber; a colonialidade do poder; o giro decolonial; o pacto da branquitude; ecologia da práticas; ecologia dos saberes; e ecologia dos poderes. Cumpre acrescentar que a oficina foco desta pesquisa teve como temática a colonialidade do saber.

Mediante as escolhas teóricas e metodológicas, bem como as vivências e participações anteriormente declarados, estruturamos esse artigo em três partes, além desta introdução e da conclusão, quais sejam: Os estudos decoloniais como base teórica na compreensão da resistência comunitária; A historicidade das comunidades do Baixio das Palmeiras; e Comunidades de resistência; imposições, ameaças e discursos de modernidade.

### **Os estudos decoloniais como base teórica na compreensão da resistência comunitária**

Para cumprimento dos nossos objetivos e compreensão dos processos latentes nas comunidades estudadas, buscamos as contribuições teóricas que proporcionam um maior esclarecimento sobre as matizes do pensamento decolonial, com destaque para Mignolo (2017); Reis (2022); Quijano (2005); Silva (2023); Ponce (2001). Essas referências nos possibilitaram refletir sobre o processo histórico da matriz colonial do poder, do saber e do ser e de como a mesma estrutura uma sociedade brasileira marcada pelos fundamentos políticos e epistêmicos do eurocentrismo.

Para compreender as vivências nos espaços comunitários referidos, nos acompanhamos, em destaque, de Nobre (2005); Brito (2016); Lefebvre (2001); Arroyo (2004); Gonçalves (2022).

Nesse contexto, o texto de Quijano (2005) exposto na introdução como base teórica da oficina a colonialidade do saber remete à compreensão da

matriz colonial do poder por meio do processo histórico da ocupação territorial da América durante a invasão Europeia. A colonialidade ocorreu através dos discursos considerados verdadeiros para o processo de modernização nos espaços que foram ocupados pelos europeus com objetivos de controle da natureza; comércio de pessoas em regime de sequestro, aprisionamento e escravidão como aconteceu com a população africana; controle, assassinato e esvaziamento das vidas e sentidos dos povos originários.

Ou seja, o projeto de modernidade difundido nas navegações e das descobertas dos continentes teve como base o não reconhecimento dos povos, culturas, saberes, dizeres das variadas populações compostas de indígenas e africanos. De fato, se constituiu como um processo de esforço de apagamento das culturas, sociabilidades, etnias e economias, ao tempo em que validou a perspectiva eurocêntrica do ponto de vista político, cultural, étnico, de sexualidade, alimentar, artístico, médico, econômico e, sobretudo, epistêmico.

A nossa cultura foi apagada durante séculos, as comunidades foram silenciadas. Nesse sentido, a validação do etnoconhecimento a partir da decolonialidade se apresenta como força contra hegemônica na aproximação e estudos das comunidades e seus processos de resistência. Força significativa de remodelação e resistência à colonização, a partir das memórias dos sujeitos e da autodeterminação dos espaços geográficos e suas especificidades manifesta em histórias, raízes, culturas e identidades dos micros espaços territoriais das comunidades. Nesse viés, o etnoconhecimento contribui na desconstrução da visão enraizada por uma nação eurocêntrica sobre o espaço e o tempo. Esse conceito abre as portas para um olhar cheio de vida, histórias, tradições e saberes que estão sendo

resgatados por pesquisadores, comunidades e as sociedades subalternas que resistem à barbaridade do capitalismo.

Nesse sentido, para compreender a dimensão contra hegemônica das comunidades em estudo apresentamos na parte seguinte desse artigo, o processo de formação territorial do Cariri cearense onde se inserem tais comunidades.

### **A historicidade das Comunidades do Baixio das Palmeiras**

Ao iniciar o diálogo sobre o *lócus* da pesquisa é necessário um breve contexto sobre a região do Cariri cearense e, posteriormente, a formação territorial das comunidades do Baixio das Palmeiras.

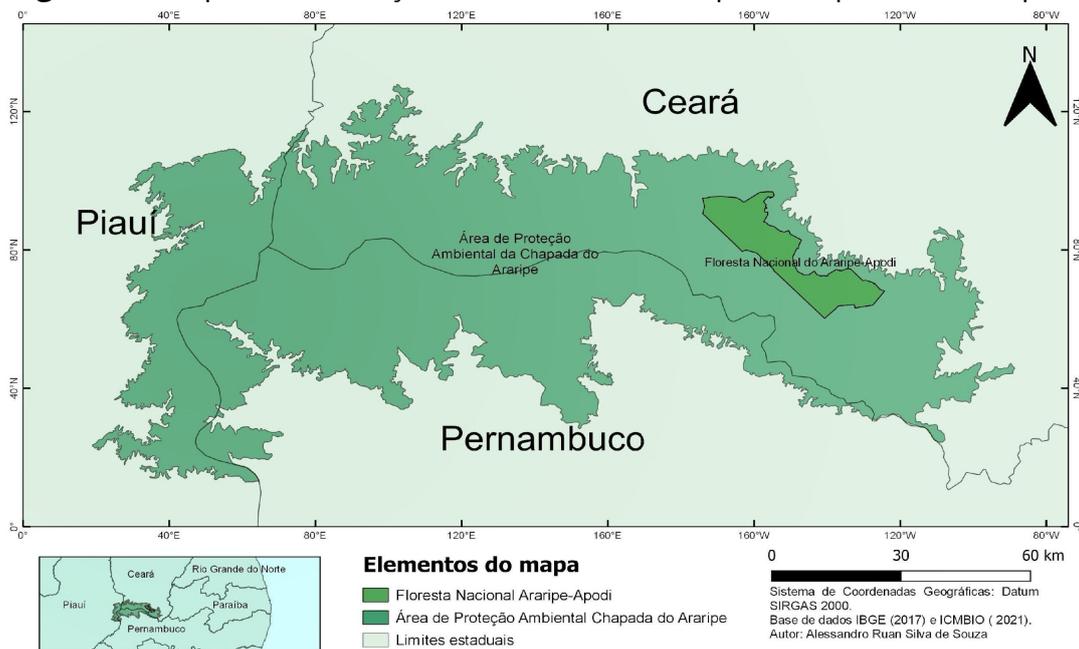
O Cariri cearense, por ser um local situado como ponto de exceção no semiárido nordestino, devido suas fontes de águas doces e cristalinas, apresenta ricas potencialidades de recursos naturais, culturais e históricos.

A Floresta Nacional do Araripe – FLONA, imersa no Cariri e berço das comunidades em estudo, abriga biodiversidade de fauna, flora e sujeitos que numa acirrada resistência mantém as tradições culturais nesse território (Figura 01). A FLONA é considerada a primeira unidade de conservação do Brasil e foi criada em 1946<sup>1</sup>. Sua área apresenta uma rica biodiversidade onde encontramos espécies endêmicas de animais e vegetais, tais como o Soldadinho-do-Araripe. Essa espécie de pássaro, endêmica da região do Cariri, atualmente corre risco de extinção conforme aponta a lista do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio.

---

<sup>1</sup> A Floresta Nacional Araripe-Apodi, criada em 02 de maio de 1946, constitui a primeira Unidade de Conservação de sua categoria estabelecida no Brasil. Plano de manejo da Floresta Nacional Araripe.

**Figura 01:** Mapa da localização da Floresta do Araripe e Chapada do Araripe



**Fonte:** Elaborado por Alessandro Souza (2023).

Para o pesquisador Irineu Pinheiro os termos Cariris ou Kariris significa tristonho, calado e silencioso. Já de acordo com Lima, o nome dos Kariri é devido a questão migração dos grupos indígenas existentes na região. Ou seja, “O nome Kariri costuma ser genericamente dado a vários grupos nômades que passaram pela região e, conseqüentemente, o lugar passou a ser conhecido como Cariri.” (Lima, 2012, p. 15).

Vale destacar que no território dos índios Cariri ou Kariri ocorreu o lado obscuro da história através das lutas sangrentas e violentas que resistiram à ocupação do homem branco nos territórios indígenas, por meio do processo de colonização. Através de um projeto colonizador do mundo cristão europeu, no qual buscavam novos territórios em suas descobertas se intensificou a exploração das riquezas naturais.

A privilegiada posição ganhada com a América pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho gratuito de índios, negros e mestiços, e sua vantajosa localização na vertente do Atlântico por onde, necessariamente, tinha de ser realizado o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial. A progressiva monetarização do mercado mundial que os metais preciosos da América estimulavam e permitiam, bem como o controle de tão abundantes recursos, possibilitou aos brancos o controle da vasta rede pré-existente de intercâmbio[...] (Quijano, 2005, p. 119).

Considerado um paraíso, o território dos Kariris foi palco de lutas e resistência. Ocorreu a Confederação dos Kariris, em defesa de seus territórios e da sobrevivência contra o invasor europeu o qual buscava propagar a fé cristã e expansão do sistema capitalista através do sistema produtivo desumano. Para o homem branco e europeu indígenas eram selvagens e sem alma.

A Confederação dos Cariris foi a união dos povos como forma de resistir e defender o território e a vida contra o já conhecido invasor europeu que trazia consigo o capitalismo destrutivo. A luta que travou foi de vida e morte, como nunca houve igual na história da conquista. Durou tempo suficiente para causar danos de ambos os lados, porém, somente o lado indígena obteve prejuízos irreversíveis e irreparáveis. De lado a lado, a fereza excedeu aos extremos da violência, principalmente da parte do branco civilizado, que se mostrou mais bárbaro que os indígenas considerando selvagens sem alma (Gonçalves, 2022, p. 91).

Durante o processo que ativou essas guerras no Cariri ocorreram as missões cristãs católicas. Os portugueses, espanhóis, italianos, holandeses foram introduzindo um processo intenso de catequização dos povos indígenas. "As escolas da catequese difundiram as primeiras letras através da difusão dos valores da doutrina cristã encarregada de dar sentido ao novo modo de vida social [...]" (Gonçalves, 2022, p. 91).

Os responsáveis pelos processos de catequização dos índios Kariri, no Crato, aconteceram pela liderança de Frei Carlos Maria de Ferrara, que representava um pensamento mais interessado em assuntos econômicos do

que nas questões espirituais. Assim, foi implementada a religião cristã para minimizar a resistência dos nativos contra os conquistadores locais.

Nesse contexto, a Missão Miranda do município tornou-se vila no ano de 1764.

Frades capuchinhos, liderados por Frei Carlos Maria de Ferrara, foram os responsáveis pela catequização dos índios. O aldeamento denominado de Missão Miranda se estabeleceu exatamente onde se encontra hoje a igreja matriz do Crato, às margens do rio Itaytera que significa na língua "rios que corre entre as pedras". (Nobre, 2015, p. 25).

Essa universalidade do território e perda das especificidades foi cada vez sendo implementada pelo discurso da modernidade europeia que fortalecia uma hierarquia de culturas onde a Europa seria o centro do conhecimento superior, válido e verdadeiro. Nesse pensamento foi ocorrendo as diferenças e apagamento das memórias e dos conhecimentos das comunidades dos povos originários existentes na região.

Essa diferenciação seria materializada nas características fenotípicas e mentais expressas por cada um deles. Convertida em desigualdade, a diferença colonial modula subjetividades segundo as posições que ocupam a partir de uma classificação binária, referenciada pelo paradigma eurocentrado de humanidade, definido como superior em oposição aos sujeitos extraocidentais e não brancos, sujeitos à tutela de seus "soberanos" e à violência das missões civilizatórias. (Reis, 2022, p. 3).

Na luz desse pensamento foram ressurgindo a cultura ocidental nas tribos indígenas da região do Cariri. Isso fez com que ocorressem novas mudanças do ponto de vista social, cultural e religioso. Através dos novos núcleos de povoamento ampliaram o comércio com foco nos recursos naturais abundantes existentes nessas localidades, os quais foram favorecidos pela força de trabalho indígena e africana.

Os aldeamentos missionários e a repressão seguida do massacre aos remanescentes Kariris deixaram o território sertanejo livre para

exploração econômica agropastoril praticada pelos novos ocupantes. Também ocorreu um verdadeiro intercruzamento forçado de povos e gentes, pois o branco europeu, recém chegados nas terras de dentro, explorou não só economicamente, mas também sexualmente os indígenas e escravos africanos existentes, que não eram poucos [...] (Gonçalves, 2022, p. 92).

Desse modo, o Cariri por ser uma área privilegiada por conta da Chapada do Araripe e de seus recursos naturais, foi se constituindo como lugar de povoamento. Para Lima, (2012, p. 15) "O povoamento da Chapada do Araripe ocorreu por volta da segunda metade do século XVII. Várias vilas se emanciparam nos últimos três séculos, na seguinte sequência: Crato (1764), Jardim (1814), Barbalha (1846), Missão Velha (1864), Santana do Cariri (1885), Juazeiro do Norte (1911) e Nova Olinda (1957). Esses municípios, de seu aldeamento às emancipações, foram responsáveis pela primeira etapa da história econômica, social e política da região do Cariri cearense".

Portanto, o povoamento dos municípios da região do Cariri cearense segue a mesma lógica econômica através da inserção da monocultura da cana devido a abundância dos fatores naturais existentes em determinadas localidades.

De princípio, a economia desenvolvida no Cariri foi à cana de açúcar, posteriormente à entrada do gado, pecuária, aproximadamente na metade do século XVIII. "As terras habitadas pelos índios Cariris, ricas em recursos hídricos e constituído por uma grande biodiversidade em fauna e flora foram sendo requeridas a sesmaria para criação de gado bovino no início do século XVIII [...]" (Nobre, 2015, p. 23).

Do ponto de vista geográfico, o município do Crato, território que abriga as comunidades estudadas nesse artigo, está localizado no sopé da Chapada do Araripe, apresentando um clima ameno e uma posição geográfica favorável para o cultivo de plantações. Na metade do século XVIII

desenvolveu-se a atividade canavieira, mas tarde, plantação de algodão e pecuária. Na vila do Crato o desenvolvimento era lento, mas com o cultivo do algodão e, posteriormente, a criação do gado ampliou seu crescimento devido à rica fertilidade do solo e das águas cristalinas em um ambiente semiárido.

Com a lógica de produção vão surgindo os distritos do município e os sítios. Foi por meio da abundância na produção de engenhos no município do Crato em meados do século XX, sendo uma atração econômica das comunidades daquele período, que começaram a surgir os distritos, sendo eles divididos em dez: Crato (sede), Baixio das Palmeiras, Belmonte, Campo Alegre, Dom Quintino, Monte Alverne, Bela Vista, Ponta da Serra, Santa Fé e Santa Rosa.

Com as práticas da agricultura “As veredas indígenas, aos poucos, foram se transformando em estradas e, à medida que esses pequenos sítios ampliaram suas práticas agrícolas, o povoamento se estendia para as partes mais baixas. Surgem então os sítios Muquém, Palmeiras, Oitis, Monteiros e Chapada.” (Nobre, 2015, p. 31). No entorno dos pequenos aglomerados de casas foram surgindo as capelas, local de devoção e fé, que foram relevantes para o processo de formação do território. Já as vilas iniciaram o processo de ligação aos distritos vizinhos em consequência do aumento da população na época.

Em consonância com esse pensamento a respeito da formação territorial das comunidades do distrito do Crato, o pesquisador e professor Anderson Camargo, apresenta a Geografia do território do Baixio das Palmeiras e o significado dos nomes das comunidades rurais quais foram surgindo.

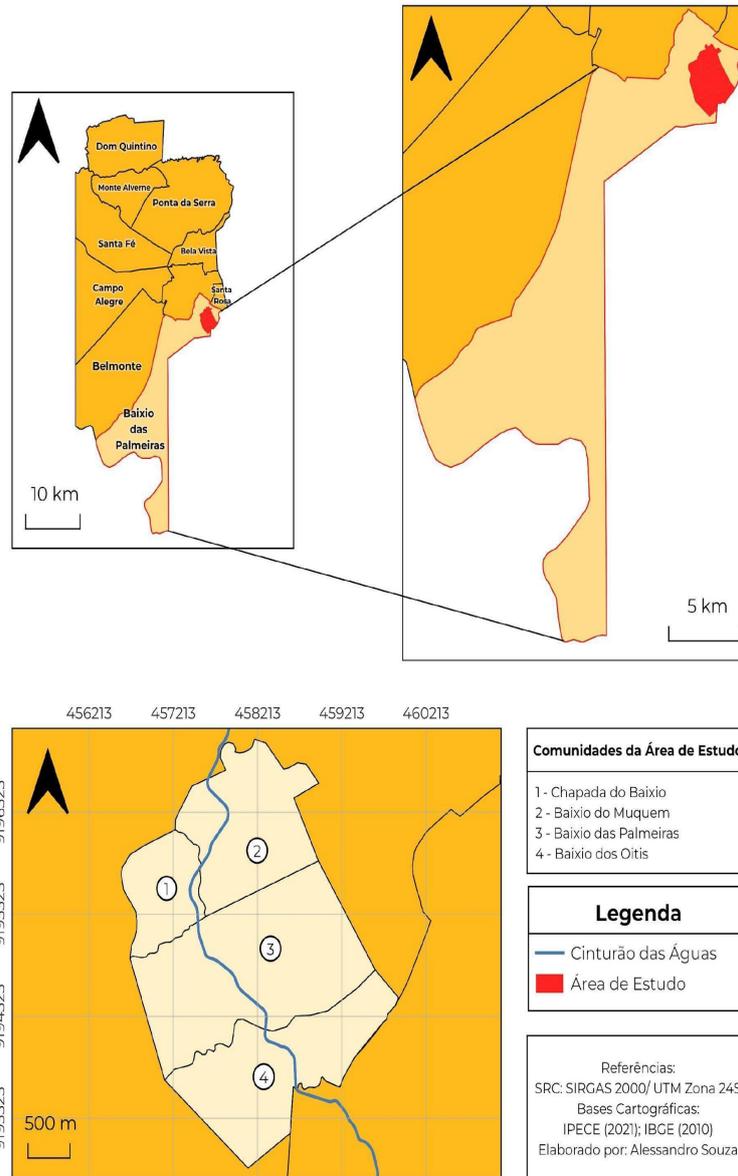
Os nomes das comunidades Oiti, Muquém e Palmeiras estão relacionados a árvores nativas da região da Chapada do Baixo e fazem referência a Chapada do Araripe. Essa comunidade está localizada em uma elevação de relevo considerável, de onde se vê boa parte das comunidades. Vale destacar que as comunidades serão afetadas diretamente pelo traçado do cinturão das águas do Ceará em forma de canal. As mencionadas áreas de morro serão niveladas para possibilitar a contratação do canal. Serão atingidas propriedades e casas (Brito 2016, p. 187-188).

O Baixo das Palmeiras está localizado como distrito do município do Crato, aproximadamente a 8 km da cidade. No atual território do Baixo das Palmeiras existem comunidades rurais que vão ser atingidas pelo Cinturão das Águas do Ceará – CAC<sup>2</sup>, sendo: Baixo das Palmeiras, Chapada do Baixo, Baixo do Muquém e Baixo dos Oitis (Figura 02). No contexto atual essas comunidades correm risco de seu desaparecimento devido às transformações acentuadas pela obra hídrica da região. Trazemos esse recorte por entendermos sua importância na compreensão do processo de resistência comunitário.

---

<sup>2</sup> Cinturão das Águas do Ceará – CAC são as maiores obras hídricas que estão em construção no Estado do Ceará. Uma das finalidades é a distribuição das águas nas principais bacias hidrográficas do Estado.

**Figura 02:** Mapa da localização das comunidades do Baixio das Palmeiras



**Fonte:** Elaborado por Alessandro Souza (2023).

Assim, as comunidades do município do Crato foram surgindo a partir da dinâmica da riqueza de seus solos férteis e suas águas perenes que jorram nas encostas da Chapada do Araripe. Vale destacar, que além da cana de açúcar e do gado, os produtos agrícolas como a mandioca e o algodão eram as culturas agrícolas dos indígenas da região. No contexto atual, as comunidades estão configurando-se por meio de um projeto colonizador

que atende a lógica do capital dos recursos hídricos no discurso da modernidade para acabar com a seca.

### **Comunidades de resistência: imposições, ameaças e discursos de modernidade**

No dia 05 de outubro de 2023 ocorreu a vivência proposta pela disciplina descrita na introdução. Nesses espaços constituídos como *locus* estão: a Casa de Quitéria, o grupo de artesanato as Fuxiqueiras da Chapada do Araripe e a Casa de Farinha. Em cada comunidade aconteceram as rodas de conversa com o propósito de conhecer os sujeitos e o objetivo de visibilizar as ricas potencialidades que os mesmos possuem em seus territórios de vida, memórias, identidades e saberes ancestrais que são ressignificados por meio da cultura, culinária, artesanato entre outras formas de conhecimento.

Essas comunidades estão sob ameaças de desaparecer com a implementação do projeto CAC apresentado anteriormente. São locais que têm certa potencialidade a ser afirmada, entre elas o turismo rural sustentável, as culturas locais, os artesanatos. Esse processo de desapropriação não é simples, o lugar perde todo seu pertencimento ancestral e simbólico. Assim, a pesquisa nos mobilizou a percorrer os espaços de resistência ao capital, sendo o primeiro encontro com a Casa de Quitéria. Nesse espaço foram realizadas as primeiras missas, reuniões e festas na comunidade.

O nome Quitéria faz alusão a uma ilustre moradora da comunidade. Quitéria Ferreira Nobre foi uma liderança que enfrentou uma sociedade rural patriarcal e marcada pela dominação da figura masculina. Carregava uma incrível força ancestral e sempre teve contato com a natureza.

Quitéria Ferreira Nobre, nascida em 20 de outubro de 1884, era uma mulher de respeito. Além de conselheira da comunidade se tornou costureira de destaque, fazia as mortalhas para enterrar defuntos. Quitéria herdou do pai uma extensa propriedade, já que seus irmãos partiram para outras regiões. Ela casou-se e, 1899 aos 15 anos de idade com Raimundo Nonato Macêdo. Tiveram nove filhos em 1918 Quitéria ficou viúva aos 37 anos de idade (Nobre, 2015, p. 35).

Preservar essas memórias significa repensar o contexto histórico da comunidade e a relação com a natureza, principalmente, nas relações socioambientais. O espaço da casa de Quitéria se configura como um local de resistência que expressa memórias, culturas, costumes e saberes tradicionais herdados das comunidades.

O espaço representa um patrimônio cultural, sendo um museu vivo das memórias da comunidade e vem desenvolvendo uma agenda de atividades voltadas às diversas dimensões dos saberes. Sendo ações de pesquisa e extensão com professores e estudantes de diversos cursos da Universidade Federal do Cariri – UFCA, Universidade Regional do Cariri – URCA entre outras instituições que vem buscando fortalecer o processo de reconhecimento, identidade e pertencimento dos sujeitos nas comunidades.

Ao dialogar com Liro Nobre, líder comunitário, foi perceptível a força do cultivo de sementes crioulas que são cultivadas nas comunidades do Baixo das Palmeiras (Figura 03), como uma forma de manter os costumes e as tradições locais e evitando o uso de sementes artificiais e modificadas com uso de agrotóxicos. Essas práticas com uso de agrotóxico remete a ideia de superioridade no modo de produção compreendida com o discurso de moderno para fins de atender o capital financeiro a qual “[...] demarca também os modos de produção e disseminação de conhecimentos considerados verdadeiros e válidos, culturalmente valorizados [...]” (Reis, 2022, p. 2).

**Figura 03:** Sementes crioulas cultivadas nas comunidades



**Fonte:** Foto capturada pelo autor (2023).

O segundo espaço visitado foi a Casa de Farinha Mestre Zé Gomes. Na década de 1980 existia uma faixa de 20 casas de farinha nas comunidades dos distritos do município de Crato. Atualmente, só a Casa de Farinha Mestre Zé Gomes se mantém de pé. Mesmo assim, a tradição da casa de farinha andou perto de acabar, ficando quase 12 anos desativada. Mas, foi doada para Associação dos Agricultores Familiares Sagrada Família, e isso fortaleceu a existência.

A casa de farinha apresenta ainda um funcionamento rudimentar, mantendo suas características tradicionais e originais para a produção da farinhada que é uma tradição nas comunidades do Baixo (Figura 04). Quando acontece o processo da farinhada, envolve os sujeitos das comunidades para as diversas atividades camponesas, trabalhando de forma cooperativa desde os arrancadores da raiz, os carregadores,

despincadores, as raspadeiras, lavadeiras, puxadores de roda, preneiros, torradores ou forneiros e outras finalidades.

[...] A farinha constituía um importante produto comercial para os pequenos proprietários, além de ser base alimentar das comunidades. Com a massa da mandioca puba preparava-se bolos e papas, com a goma beijus, tapiocas, com a farinha o pará, carne pisada ou paçoca de peixe etc. [...] (Nobre, 2015, p. 54).

Ao dialogar com os agricultores e o presidente da associação seu Assis Nicolau, foi destacado que a casa de farinha na comunidade tem o objetivo manter a tradição das farinhadas e estimular os agricultores à produção do plantio de mandioca em seus quintais como uma forma de resistência às práticas tradicionais existentes nos territórios do Baixio das Palmeiras, como também reduzir os impactos causados pela urbanização que vem avançando nas comunidades.

**Figura 04:** Casa de Farinha Mestre Zé Gomes



**Fonte:** Foto capturada pelo autor (2023).

A Casa de Farinha completou 70 anos de existência, sendo um símbolo da resistência camponesa por meio da luta em manter a tradição viva, como uma forma de resgatar as memórias, as práticas econômicas tradicionais dos sujeitos que podem ser apagadas com a construção do CAC. Com isso, destruindo os saberes ancestrais que foram culturalmente preservados há décadas nas comunidades do Baixio das Palmeiras.

[...] Ao destruir, afetar a produção da vida dos coletivos, são afetadas na raiz as capacidades humanas, os saberes colados a essas formas de sua produção. São destruídas as formas ancestrais de viver, de produção da vida humana, das identidades e dos saberes. (Arroyo, 2014, p. 73).

Para resgatar as tradições, os organizadores vêm conquistando diversos projetos por meio de editais para contemplar os recursos e poder garantir as manutenções da casa do espaço. A Casa de Farinha Mestre Zé Gomes apresenta diversa programação para celebrar a data do aniversário do espaço cultural, ocorrendo rodas de conversa, grupos culturais, músicos da região, atrações musicais e, principalmente, o processo da farinhada.

O último encontro da vivência foi o grupo das fuxiqueiras da Chapada composta por oito mulheres, todas moradoras da Chapada. O grupo começou seus primeiros passos em 2016 quando uma das integrantes tomou a iniciativa de participar de um curso, por meio do incentivo da filha. O curso a qual participou era intitulado “Artesanato e Fuxico” e foi ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

Com os conhecimentos que foram adquiridos no curso a integrante começou a repassar os conhecimentos para as amigas e os parentes que residiam próximo à sua casa. Após, sugeriu que cada uma das mulheres que havia feito o curso, confeccionasse os fuxicos em suas residências como forma de obtenção de renda extra para a sustentação da família. Mas, ao

entrarem em consenso, decidiram continuar se reunindo visto que além, da produção ser mais rápida, poderiam ampliar a criatividade e possibilitava momentos de interações, conversas, alegrias, tristezas.

Vale ressaltar, que para essas mulheres o fuxico é algo além de um simples artesanato. Representam suas identidades. São conhecimentos que criam e recriam suas coletividades, pois não se unem apenas para confecção, mas também realizarem imersão cultural e terapêutica. São conhecidas como Fuxiqueiras da Chapada, carregando a sua territorialidade e se qualificando como mulheres fuxiqueiras em certo espaço e território.

Reconhecer que todo conhecimento é uma produção social, produzindo em experiências sociais e que toda experiência social produz conhecimento pode nos levar a estratégias de reconhecimento. [...] Reconhecer que há uma pluralidade e diversidade e não uma hierarquia de experiências humanas e de coletivos, que essa diversidade de experiências é uma riqueza porque produzem uma rica diversidade de conhecimentos e de formas de pensar o real e de pensar-nos como humanos (Arroyo, 2014, p. 117).

Ao dialogar com as representantes a respeito do cotidiano, elas se reúnem nos espaços não formais das comunidades três vezes por semana em um período de três horas. Essa temporalidade tem se tornado ponto de referência na comunidade como espaço de produção do fuxico. Além disso, as fuxiqueiras costumam se reunir no espaço cultural da Casa de Quitéria, na sombra das árvores ao redor da igreja e na capela de nossa Senhora das Graças (Figura 05).

**Figura 05:** Grupo das fuxiqueiras da Chapada do Baixo



**Fonte:** Foto capturada pelo autor (2023).

Em suas produções podemos destacar: as toalhas de mesa, colchas de cama, passarelas, roupas, tapetes, bolsas, chaveiros, brinquedos, terços, bijuterias, entre outros. Deslocam-se da sua comunidade para expor e vender seus produtos e, para isso, recebem o incentivo de instituições, tais como: Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Regional do Cariri (URCA), Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (FETRAECE), entre outras.

As fuxiqueiras são aquelas que atuam nas comunidades em busca de uma proposta socioeducativa, que através de ações fora do ambiente formal e, a partir da comunicação com os sujeitos, fomentam as novas experiências, as trocas de saberes nos espaços não formais, o conhecimento e constroem, por meio da vivência e de certas situações, a vivacidade do cotidiano.

[...] As ações interativas entre os indivíduos são fundamentais para aquisição de novos saberes, e essas ações ocorrem fundamentalmente no plano da comunicação verbal, oral e carregadas de todo o conjunto de representações e tradições culturais que as expressões orais contém[...]” (Gonh, 2011, p. 111).

Assim, o âmbito informal está voltado a estabelecer conhecimentos, que são as trocas de saberes dos sujeitos para compreender o mundo em que vivem, através do diálogo sobre a vida, as relações cotidianas, buscando contextualizar os saberes informais da própria realidade inserida para dar significações presentes no dia a dia, “[...] o diálogo não é apenas em torno dos conteúdos a ser ensinados, mas sobre a vida mesma, ser verdadeiro, não é somente válido do ponto de vista de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe” (Freire, 2019, p. 52.).

### **Considerações Finais**

A referida pesquisa possibilitou conhecer os sujeitos e os espaços das comunidades de resistência nos espaços não formais do Baixio das Palmeiras. Nesses ambientes são perceptíveis os costumes do campo em manter viva as tradições culturais, a economia do artesanato do fuxico e saberes da ancestralidade que estão presentes nos territórios das comunidades.

Na região do Cariri, ocorreram lutas entre o opressor e os oprimidos indígenas e africanos. Assim, a região atualmente ainda apresenta uma forte presença de elementos indígenas e africanos nas comunidades existentes, tanto nos traços culturais dos sujeitos, na miscigenação dos povos, no trabalho artesanal, nas canções, nos hábitos alimentícios que ainda hoje são destaques resistentes ao processo colonizador.

O etnoconhecimento apresenta forças significativas a partir da visibilidade dos sujeitos a partir das expressões, sentimentos, raízes culturais e a construção da identidade no espaço dos Baixios das Palmeiras. Esses conhecimentos são caminhos para fortalecer a comunidade através da arte

e criatividade. Portanto, poder mostra que a comunidade tem história que não pode ser apagadas, fortalece a relação entre a vida que se deseja viver.

Destacamos as experiências de organização e trabalho coletivo formado durante a oficina, especialmente se considerarmos a complexidade de mobilização nas comunidades. Ademais, as professoras conduziram a oficina de modo eficiente, sempre buscando a relação com a teoria e a prática para compreendermos de forma crítica a lógica das raízes europeias quais foram incorporadas na colonialidade e no discurso da modernidade.

As práticas educacionais fora dos ambientes formais de ensino são caminhos para abordar o processo socioeducativo na formação continuada do educador como também uma forma de libertação social através da teoria e a prática nos diálogos e nas trocas de saberes com a sociedade. Acreditamos que a referida experiência ocorreu de forma satisfatória nas comunidades de resistência, pois os saberes são repassados no cotidiano, enriquecendo as tradições dos sujeitos.

Para não concluir, ressaltamos que esses conhecimentos que estão presentes nas comunidades subalternas têm muito a ser debatido por meio dos saberes informal que sujeitos ressignificam em seus territórios de disputa. Paulo Freire nos afirmava que os saberes estão contidos na sociedade, por meio do saber originado a partir da vida cotidiana.

## Referências

ARROYO, Miguel. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues. **Águas para que(m):** grandes obras hídricas e conflitos territoriais no Ceará. -1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2016.

CARIRY, Rosemberg. Cariri: a nação das utopias. *in*: CAVALCANTE, M; QUEIROZ, Z.; JÚNIOR, R.; ARAUJO, J. (Org.). **História da Educação - Vitrals da Educação:** lugares, imagens e práticas culturais. 1 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p 364 - 399.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 71ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. Coleção Questões de Nossa Época, v. 26. São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. **Geografias comunitárias no Cariri Cearense:** ética, capitalismo e trabalho. - Vitória: Cousa, 2022.

LIMA, Flavia Fernanda de et al. **Geopark Araripe:** Histórias da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura. Ceará: Governo do Estado do Ceará, 2012. Disponível em: <<http://geoparkararipe.urca.br/wp-content/uploads/2019/11/LIVRO-GEOPARK-ARARIPE-compactado.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes.** Tradução de José Severo de Camargo Pereira. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

REIS, Diego dos Santos. **A colonialidade do saber**: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade. Departamento de Fundamentação da Educação – João Pessoa (PB), Educ. Soc., Campinas, v. 43, e240967, 2022.

---

**Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 7, N. 2, 2024**

**Conflito de interesses**

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

---

**Contribuição dos autores**

Concepção e conceitualização: CFGS, FLMS

Redação do manuscrito original: CFGS

Curadoria de dados: CFGS, FLMS

Análise de dados: CFGS, FLMS

Redação textual: CFGS, FLMS

Supervisão: FLMS

---

**Financiamento**

Não houve financiamento.

---

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

---

**Aprovação, ética e consentimento**

Não se aplica.

---